

Digressões: estratégicas interativas na Contação de Histórias

Rosane Suely Alvares Lunardelli

Universidade Estadual de Londrina – Londrina – PR – Brasil

alluna@sercomtel.com.br

Resumo. Fundamentado em teorias que estudam o texto a partir de uma perspectiva textual-interativa, este artigo discute a presença de fragmentos digressivos na Atividade de Contação de Histórias. Após a apresentação do referencial teórico, examinou-se os tipos de segmentos digressivos utilizados pelos professores/contadores. Com base na tipologia adotada por Andrade (1995), elaborou-se tabela com os itens mencionados e suas frequências, que foram analisadas qualitativamente. Os resultados dessas análises vêm comprovar a hipótese inicial de que as digressões são procedimentos lingüísticos fundamentais à atividade de Contação de Histórias, já que possibilitam a contextualização dos dados e favorecem, expressivamente, o contato entre os interlocutores.

Palavras-Chave: *contação de histórias; digressão; língua falada; interação verbal.*

Abstract. Based on theories that study the text from an interactive-textual outlook, this article discusses the presence of digressive fragments in storytelling activities. After the presentation of the theoretical references, the digression segments used by storytellers were examined. Established on the typology adopted by Andrade (1995), charts with the mentioned items and their frequencies were elaborated and qualitatively analyzed. The results of the analysis prove the initial hypothesis that says that digressions are linguistics procedure fundamental to the storytelling activity, since they enable the contextualization of data and sustain, in an expressive way, the contact among interlocutors.

Keywords: storytelling; digression; spoken language; verbal interaction

1 INTRODUÇÃO

Constatada a presença e a importância da leitura na vida do ser humano, é na infância que se dá o primeiro contato que, em muitos casos, será fundamental ao estabelecimento ou não do gosto literário. A familiarização e o gosto pela literatura deveria ser um processo iniciado no lar e sedimentado nos anos subsequentes, nos espaços formais de ensino. Porém, como afirma Varlotta, “a realidade de nossas escolas públicas [e particulares] é que poucas crianças, hoje, trazem para a escola a experiência de contatos com textos escritos ou mesmo com histórias contadas” (1987, p.35).

Devido a alguns fatores de ordem sócio-econômica, muitas famílias não têm desempenhado seu papel de agente promotora da leitura, transferindo para a escola e outras organizações, atribuições que lhes eram concernentes. Estas instituições assumem, então, a dupla responsabilidade de incentivar em seus alunos ou ouvintes, o gosto pela leitura, além de proporcionar-lhes condições para que possam realizar leituras proficientes nos mais diversos tipos de textos.

Com o intuito de promover o interesse e o desenvolvimento das habilidades necessárias à leitura e apreciação de textos literários, muitas escolas realizam a Hora do Conto ou Contação de Histórias com crianças de 1^a. à 3^a. série e, eventualmente, com a 4^a. série do ensino fundamental. Entretanto, em muitas escolas, depara-se com uma situação contraditória: ao mesmo tempo que essas instituições apregoam a importância da leitura literária, a Contação de Histórias na maioria das vezes, é realizada de uma forma intuitiva, sem embasamento teórico-metodológico específico.

Os eventos de Contação de Histórias, além de exercitarem a imaginação e fantasia de seus ouvintes, resgatam, de uma maneira positiva, a tradição da oralidade. Verifica-se também que essa atividade amplia os horizontes de leitura, possibilitando à criança o contato com textos de diversos temas, gêneros e estilos, que satisfaçam suas necessidades e gostos individuais.

Dada a importância de que se reveste o ato de contar histórias para as crianças, ele não pode restringir-se à oralização de um texto escrito, sem a

preocupação do “como” contá-las, que estratégias utilizar, entre muitos outros fatores.

A linguagem da Contação de Histórias apresenta os fenômenos característicos da língua falada (pausas, truncamentos, repetições e outras formas de reiteração). Dentre esses fenômenos, foram selecionadas as digressões, por sua importância na citada forma de atividade verbal. Procedimento empregado pelos falantes, a digressão pode ser caracterizada como uma porção da conversa que não se acha topicamente relacionada com o material conversacional imediatamente precedente, nem com o que está imediatamente depois. Apesar de ser considerada como um desvio do tópico que vinha sendo desenvolvido, ela assegura continuidade no fluxo da conversação. As digressões, consideradas impróprias na Língua Escrita, contribuem, efetivamente na Língua Falada, para a manutenção do diálogo.

Andrade (1995, p. 287) caracteriza a digressão como “uma estratégia por meio da qual os interlocutores conduzem o texto falado” [...], e que embora ela constitua um “elemento suspensivo e flutuante : ‘excesso’ ou desvio momentâneo [...] traz vivacidade ao jogo textual-interativo e permite um envolvimento maior dos participantes”. Em outro estudo (2000, p.100), afirma que, a digressão, quando analisada sob o enfoque interacional, “passa a funcionar como uma estratégia por meio da qual se busca um determinado efeito de sentido”, devendo ser considerada como um valioso componente do mecanismo textual no que tange à condução do tópico discursivo. No esquema abaixo, tem-se a digressão entre a 2^a. e 3^a.etapas:

1^a.etapa – retirada do tópico A

2^a.etapa – introdução do tópico B

3^a.etapa – retirada do tópico B

4^a.etapa – reintrodução do tópico A

Baseando-se nas asserções formuladas por Dascal; Katriel (1982), a Autora citada (1995), apresenta três tipos de digressão:

a) **Digressão lógico-experencial**, anteriormente denominada digressão baseada no enunciado, “estabelece certo propósito de natureza pessoal entre o tópico central e o digressivo”(p.169). Revestem-se de funções demonstrativas,

exemplificadoras, ilustrativas, sendo utilizada para evidenciar o ponto de vista do falante, por meio de exemplos, argumentações, entre outros aspectos.

b) *Digressão interpessoal*, anteriormente – digressão baseada na interação. Determinada por fatores de ordem contextual, demonstra “preocupações sociais entre os interlocutores.” (p. 170). Subdivide-se em digressão interpessoal incidental e digressão interpessoal imediata.

c) *Digressão retórica*, denominada digressão baseada em seqüência inserida, institui um vínculo de pertinência discursiva, contribuindo para “a textura da produção lingüística” (p.170)

De acordo com essa linha de raciocínio, foram realizadas descrições e análises qualitativas do material coletado em situações reais de interação, ou seja, em uma atividade de Contação de História realizadas em uma escola da rede municipal e uma escola da rede privada, com alunos da terceira série do ensino fundamental. A história contada pelas professoras foi *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*, extraído da coletânea *As mil e Uma Noites*, adaptado por Ruth Rocha e publicado pela editora FTD em 1994.

As ocorrências de segmentos digressivos, apresentadas sob a forma de tabelas, foram analisadas quanto aos tipos, funções e finalidades. Cabe ressaltar que, apenas os tipos de digressões encontradas, são objetos de estudo do presente artigo.

2) ANÁLISE DAS DIGRESSÕES QUANTO À SUA TIPOLOGIA

Tabela 1. Tipos de Digressão

DIGRESSÃO	Escola A - frequência	Escola B - frequência
a) Digressão Lógico-Experencial	8	5
b) Digressão Interpessoal Incidental	9	9
c) Digressão Retórica Didática	34	10

a) **Digressão Lógico-Experencial**

O segmento digressivo denominado lógico-experencial (baseado no enunciado), como já se viu anteriormente, apresenta relação de conteúdo com o enunciado principal. O trecho a seguir, extraído da atividade realizada na escola municipal, estabelece, de maneira muito clara, “certo propósito de natureza pessoal entre o tópico central e o digressivo” (ANDRADE,1995,p.169).

Contextualização: A contadora expressa sua opinião a respeito da atitude do ministro em relação à Sherazade: (as digressões, em todo o texto, serão destacadas em negrito)

- ... a filha *DELE* e uma moça bonita e inteligente **não claro que o primeiro ministro que era o pai da moça não ia escolher ela para casar com o rei por que sabia que ela iria morrer não é verdade Paulinho**”... bem então

Observa-se que o tópico em andamento é momentaneamente suspenso e um outro que estava à margem (opinião do falante) é introduzido. Essa suspensão tópica, apesar de interromper a seqüência narrativa, relaciona-se com o conteúdo informativo do texto e, assim, permite a inserção dos dados no universo cognitivo-contextual dos alunos. Dessa forma, não há descontinuidade no fluxo conversacional, aliás, essa modalidade de digressão é importante sob o ponto de vista interacional.

A freqüência de sua utilização, um pouco menor do que os outros tipos de digressões pesquisadas, está relacionada à função exemplificadora, porém de caráter pessoal ou do próprio universo referencial do contador que não foram consideradas relevantes naqueles momentos. Ou seja, acredita-se que os interlocutores não sentiram necessidade de tecer um comentário particular a respeito de algo colocado no tópico prévio ou de tornar mais concreto seu ponto de vista.

b) **Digressão Interpessoal Incidental**

A Digressão Interpessoal está vinculada a preocupações de ordem interacional, como, por exemplo, o desejo de integrar os interlocutores no evento conversacional. Embora tenha ocorrido a suspensão temporária do tópico, nota-se que ela não provoca uma quebra na interação e, conseqüentemente, na configuração textual.

Contextualização: Ao relatar o momento em que Cassim pronuncia as palavras mágicas para abrir a porta da caverna, a professora incentiva os alunos a participarem da contação.

*é ::: ainda não quando ele chegou lá ele lembrava das palavras né”
você me ajudam como que eram as palavras” ele parou em frente do rochedo
levantou os braços e ele falou”....*

A supressão dos segmentos digressivos, nos trechos apontados, não causaria nenhum dano à coerência textual, porém, com certeza, prejudicaria a comunicação (interação), essenciais à realização da atividade.

c) **Digressão Retórica Didática**

A Digressão Retórica Didática, segundo Andrade (2000), está relacionada a uma grande variedade de atos de fala esclarecedores, corretivos, entre outros. Caracteriza-se por uma espécie de pausa no fluxo conversacional, ocasionada pela necessidade de o interlocutor obter, naquele momento, um esclarecimento ou uma informação. No trecho analisado, tem-se uma digressão retórica didática, já que o falante procura estabelecer um vínculo de pertinência textual, objetivando “contribuir para a textura da produção lingüística, instaurando no contexto situacional elementos relevantes ao contexto cultural, biográfico individual ou de conhecimento de mundo” (ANDRADE,2000,p.114).

Contextualização: A professora explica uma das finalidades da utilização do azeite naquela época.

*... acabou o azeite que: :: a : :::naquele tempo não existia luz
elétrica então eles tinham assim uns (incompreensível) com azeite e uma vela que
era alimentada por aquele azeite pra iluminar o ambiente e a Morgiana...*

Observa-se, no exemplo acima, que há uma mudança em relação ao foco, sem, no entanto, provocar uma ruptura na atividade dialógica. Este tipo de movimentação tópica é muito comum e demonstra uma característica contextualizadora importante, já que responde a um tipo de questão que aflora no momento. É necessário ressaltar que a contextualização dos dados, ao propiciar esclarecimentos à respeito de algo dito e que não ficou claro, promove a interação, a interlocução.

Na história contada, a utilização de segmentos explicativos (digressão retórica didática), está estreitamente relacionada com a finalidade maior do espaço escolar que é o de instruir, ensinar. Além disso, as contadoras das histórias são professoras e, como tal, assumem seus papéis de mediadoras do conhecimento. De acordo com a tabela apresentada, verificou-se um grande número de ocorrências deste tipo de digressão em uma das histórias contadas. É possível atribuir esse fato ao desconhecimento de vários alunos pela história, tornando necessária a intervenção da professora por meio de inserções de fragmentos esclarecedores.

3) CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto falado compõe-se de várias porções tópicas que, apesar de organizadas seqüencialmente, podem ser reintroduzidas ou retomadas. Quando estes tópicos se apresentam em uma seqüência linear, há uma continuidade tópica, porém, quando um tópico é suspenso e reintroduzido em um outro momento, têm-se uma descontinuidade tópica, que é o traço definidor do fenômeno da digressão. Essa descontinuidade, entretanto, não ocasiona interrupção no fluxo conversacional, pois os interlocutores, procurando assegurar a progressão textual, utilizam, entre outros recursos, marcadores conversacionais para introduzir o trecho digressivo, ou para retomarem o tópico central, embora em muitos casos, tenham-se empregado digressões sem o uso desses mecanismos.

As digressões, porções textuais inseridas no tópico discursivo em andamento, estabelecem uma mudança de foco no tópico discursivo em andamento, fazendo surgir algo que estava no horizonte do campo de percepção do falante, ou seja, ao suspender temporariamente o tópico central e inserir o segmento digressivo, desloca-se o foco para um propósito (assunto) de natureza pessoal (digressão lógico-experencial), propósito de natureza contextual (digressão interpessoal incidental e digressão interpessoal imediata) ou de natureza textual (digressão retórica didática e digressão retórica persuasiva).

A digressão retórica didática foi a mais utilizada no evento interativo observado. A presença de um número significativo de ocorrências desse tipo está relacionada com o contexto em que a atividade está inserida: um espaço essencialmente educativo, instrutivo. Cabe lembrar que o contexto ou a realidade

que envolve uma atividade verbal contribui de maneira efetiva para a escolha do tipo de digressão. A digressão retórica didática, conforme apresentada, diz respeito a uma gama de atos de fala corretivos, informativos, muito utilizados em uma atividade de contação de histórias e que, por sua vez, contribuem para o pleno estabelecimento e manutenção da interação.

Ao longo deste trabalho, pôde-se verificar que a digressão, estratégia conversacional muito utilizada pelo falante, deve ser considerada como um evento coerente, que acrescenta, à atividade dialógica, elementos de base informacional e interacional, intervindo de forma decisiva na instauração, condução e manutenção da organização textual e interacional do evento comunicativo.

N.E. O presente artigo, trata-se de parte da dissertação de mestrado: *A Função Discursiva da Digressão na Contação de Histórias*, defendida em agosto de 2002, na Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. L.da C.V. de O. A digressão como estratégia discursiva na produção de textos orais e escritos. In: PRETI, Dino. (org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP. 2000. p.99-128. (Projetos Paralelos-NURC/ S.P.,4)
- _____. *Digressão: uma estratégia na condução do jogo textual-interativo*. 1995. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 1995.
- BROWN,G.; YULE,G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press,1983.
- DASCAL, M.; KATRIEL, T. Digressions: a study in conversational coherence. In: PETÖFI, J.S. (ed.). *Text vs. Sentence*. Hamburg, Buske, v.29, p.76-95, 1982.
- URBANO, H. *Oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca*. São Paulo: Cortez, 2000.
- VARLOTTA, Y.M da C. L. Literatura Infantil nas séries iniciais: desafio à reflexão ou possibilidade de trabalho? *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, ano 6, n.9, p.33-42, jun.1987.